

ANIMA



BIBLIOTECA JUNGUIANA
DE PSICOLOGIA FEMININA

James Hillman

ANIMA

A Psicologia Arquetípica do Lado Feminino
da Alma no Homem e sua Interioridade na Mulher

– Uma Análise de Excertos da Obra de
C. G. Jung sobre o Tema –

Tradução

Lúcia Rosenberg
Gustavo Barcellos



**Editora
Cultrix**
SÃO PAULO

Título do original: *Anima – An Anatomy of a Personified Notion*.

Copyright © 1985 James Hillman.

Copyright da edição brasileira © 1990, 2020 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

2ª edição 2020.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Cultrix não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Todos os excertos extraídos de *The Collected Works of C. G. Jung* e dos dois volumes das *C. G. Jung Letters* – copyright © Princeton University Press e Routledge & Kegan Paul – são citados com a permissão da Princeton University Press. Todos os excertos de *Memories, Dreams and Reflections* – copyright © Random House, Inc. Desenhos originais de Mary Vernon.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Gerente de produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Capa: Lucas Campos/Indie 6 Design Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hillman, James, 1926-2011

Anima: a psicologia arquetípica do lado feminino da alma no homem e sua interioridade na mulher / James Hillman; tradução Lucia Rosenberg, Gustavo Barcellos. – 2. ed. – São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020. – (Biblioteca junguiana de psicologia feminina)

Título original: *Anima: an anatomy of a personified notion*
ISBN 978-65-5736-018-7

1. Anima (Psicanálise) 2. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 I. Título. II. Série.

20-38295

CDD-150.1954

Índices para catálogo sistemático:

1. Animus: Arquétipo junguiano: Psicologia analítica 150.1954
Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP – Fone: (11) 2066-9000
<http://www.editoracultrix.com.br>
E-mail: atendimento@editoracultrix.com.br
Foi feito o depósito legal.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	7
Anima: Imagens do Humor e do Desejo.....	9
Prefácio.....	11
Nota Editorial.....	15
PARTE I	
Introdução.....	21
1. Anima e Contrassexualidade	25
2. Anima e Eros	37
3. Anima e Sentimento	53
4. Anima e o Feminino	71
5. Anima e Psique	91

PARTE II

6. Anima e Despersonalização.....	121
7. Integração da Anima.....	135
8. Mediadora do Desconhecido.....	149
9. Anima como Unipersonalidade.....	167
10. Anima na Sизígia.....	187
NOTAS.....	205

AGRADECIMENTOS

Desenho da capa de Catherine Meehan e Sven Doehner. A imagem da alma na capa: Bernardo Buontalenti, *Ninfa marina*, Firenze, B. N. E., C.B., 3,53¹¹, c. 10r, Fotografia colorida G. Sansoni com permissão da Biblioteca Nacional de Firenze e selecionada por Pierre Denivelle.

Mary Vernon agradece às seguintes fontes para os vários detalhes de suas imagens: Carol B. Grafton, *Treasury of Art Nouveau Design and Ornament*; Jim Harter, *Harter's Picture Archive* e *Woman: A Pictorial Archive from Nineteenth-Century Sources*; e Theodore Menten, *Pictorial Archive of Quaint Woodcuts*; Joseph Crawhall, todas da Dover Publications.

Mais do que tudo, o autor e o editor reconhecem agradecidos o uso dos excertos dos seguintes volumes de *The Collected Works of C. G. Jung*, tradução de R. F. C. Hull, Bollingen Series XX. Os excertos foram transcritos com a permissão da Princeton University Press.

- Vol. 5 *Symbols of Transformation*, copyright © 1956 by Princeton University Press.
- Vol. 6 *Psychological Types*, copyright © 1971 by Princeton University Press.
- Vol. 7 *Two Essays of Analytical Psychology*, copyright © 1953, 1966 by Princeton University Press.
- Vol. 8 *The Structure and Dynamics of the Psyche*, copyright © 1960, 1969 by Princeton University Press.

- Vol. 9 *I, The Archetypes and the Collective Unconscious*, copyright © 1959, 1969 by Princeton University Press.
- Vol. 9 *II, Aion: Researches into the Phenomenology of the Self*, copyright © 1959 by Princeton University Press.
- Vol. 10 *Civilization in Transition*, copyright © 1964, 1970 by Princeton University Press.
- Vol. 11 *Psychology and Religion: West and East*, copyright © 1958, 1969 by Princeton University Press.
- Vol. 12 *Psychology and Alchemy*, copyright © 1953, 1968 by Princeton University Press.
- Vol. 13 *Alchemical Studies*, copyright © 1967 by Princeton University Press.
- Vol. 14 *Mysterium Coniunctionis*, copyright © 1965, 1970 by Princeton University Press.
- Vol. 15 *The Spirit in Man, Art and Literature*, copyright © 1966 by Princeton University Press.
- Vol. 16 *The Practice of Psychotherapy*, copyright © 1954, 1966 by Princeton University Press.
- Vol. 17 *The Development of Personality*, copyright © 1954 by Princeton University Press.
- Vol. 18 *The Symbolic Life*, copyright © 1950, 1953, 1955, 1958, 1959, 1963, 1968, 1969, 1970, 1973, 1976 by Princeton University Press.

O autor e o editor também agradecem a Routledge & Kegan Paul Ltd. (Londres), que publicou a acima mencionada edição de *The Collected Works of C. G. Jung* na Grã-Bretanha.

ANIMA: IMAGENS DO HUMOR E DO DESEJO

A vida quase secreta da alma parece recheiar o cerne de toda a psicologia profunda. A obra de James Hillman, ao longo de muitos anos e ângulos, não é uma exceção; ao contrário, nela a alma é uma devoção.

Em latim, *anima* quer dizer “alma” ou “psique”. É o termo que Jung utilizou ao deparar-se com a interioridade feminina do homem. Anima é aquilo pelo que os homens se apaixonam; ela os possui enquanto humores e desejos, motivando suas ambições, confundindo seus raciocínios. Na extensão que Hillman faz da psicologia de Jung, a anima também pertence à interioridade das mulheres, e não somente àquilo que toca seus relacionamentos com os homens. Anima refere-se, numa só palavra, à interioridade.

No que se lança, sempre com devoção, como uma fenomenologia crítica, e não uma fenomenologia empírica, este livro passeia pelos sentimentos, problemas, fantasias e mesmo pela beleza da anima. Apresentá-lo ao leitor brasileiro apaixonou-nos.

Na maioria das vezes, os tradutores de livros poderiam manter-se em silêncio e deixar o trabalho falar por si. Este livro é especial, e sua curiosidade e inovação nos tentou a falar dessa paixão. Antes de tudo, um trabalho desta importância e visão merece estar disponível a um público cada vez maior. Talvez seja este um trabalho mais próximo da literatura imaginativa do que da ciência, em seu conteúdo, em seu estilo, em suas cores, em sua profundidade e em sua coragem. Mas será que

isto não pode ser dito de quase tudo o que Hillman escreve? Este livro clarifica os humores, as personalidades, as definições e dispõe as imagens universais e atemporais do aspecto mais sutil, evasivo e ardiloso da psicologia e da vida. Curiosidade e inovação não param por aí, Este livro é, na verdade, um diálogo. Ao expor, em suas páginas pares, as citações da obra de Jung, onde se origina, se amplia e se aprofunda o ensaio de Hillman, que aparece nas páginas ímpares, o livro convida o leitor a uma experiência sedutora: aproximar-se pessoalmente dos diversos níveis de leitura ali envolvidos. Aproximação e ligação parecem ser o verdadeiro chamado da alma.

Nós, tradutores, também estivemos ligados à alma ao longo do trabalho, conduzidos pelas suas asas (de borboleta?) na fantasia de transpor o texto para a língua portuguesa. Trabalhando o material frase a frase, muitas vezes palavra por palavra, esperamos não ter deixado voar a alma (o frescor) intelectual que ele possui no original.

“Anima: Imagens do Humor e do Desejo” era o título de um seminário que Hillman conduziu em fevereiro de 1986 na The C. G. Jung Foundation for Analytical Psychology, de Nova York. Apresentando uma série de cem *slides*, Hillman mostrava, em algumas de suas ilimitadas imagens, a anatomia da noção que temos da alma em nossas vidas. Neste livro, ele faz o mesmo em psicologia.

Quem será, de fato, esta mulher, procurando seu caminho entre nossos conceitos?

Lucia Rosenberg
Gustavo Barcellos

São Paulo
março/1990

PREFÁCIO

Este ensaio fala por si. Normalmente, depois de doze anos um autor quer refazer o trabalho. A necessidade de aperfeiçoamento. Ao invés disso, estou encantando com ele – foi realizado inteiramente e está completamente terminado. Precisava apenas de algumas reformulações, ampliações e cuidados práticos – em doze anos aprende-se uma coisa ou outra sobre anima. Uma vez tendo começado essas ampliações, quase não pude contê-las nestas páginas. Como pode ser instigante a anima, embora me pergunte se este ensaio, cujo objetivo era clarificar sua noção em minha mente, fez alguma coisa no sentido de desvendar seus efeitos em minha vida. Ainda hoje me defendo dela com idealização e ceticismo.

Este ensaio começou como uma digressão que me parecia essencial para o *Re-Visioning Psychology* (1975), mas logo a anima pediu mais espaço do que as proporções daquele livro permitiam. O ensaio era inclusive muito extravagante para ser impresso como uma peça só, então teve que ser dividido em dois (*Spring*, 1973 e *Spring*, 1974). Esses números daquele periódico estão há tempos fora de catálogo, o que nos dá um motivo razoável para transformar este ensaio num livro.

Existem outros motivos, razões mais profundas. Revendo agora, parece que meu trabalho sempre foi baseado em anima, desde *Emotion* (1960) até “Betrayal” e o conto de Eros/Psiquê com o mito da análise, passando pelo conceito de “cultivo da alma” e, mais recentemente, a atenção com a imaginação estética e com a alma do mundo (*anima*

mundi). Capítulos específicos sobre a investigação do sal, da prata, e da cor azul na alquimia também foram elaborados com base na fenomenologia da alma. Se alma é minha metáfora básica, parece psicologicamente necessário mergulhar nesse componente que domina meu pensamento, colore meu estilo e que tem tão graciosamente oferecido temas para minha atenção.

Mais do que isso, o *devotio* à alma não é o chamado da psicologia? Assim, uma outra profunda razão para este livro é fornecer uma base para a visão da alma em psicologia, de forma que a psicologia não se perca nas perspectivas arquetípicas da Criança e do desenvolvimentalismo, ou da Mãe e do causalismo material. A visão de alma dada pela alma é mais do que simplesmente uma outra perspectiva. A fala da alma convence; é uma sedução em direção à fé psicológica, a fé nas imagens e no pensamento do coração, rumo a uma animação do mundo. Alma conecta e envolve. Ela nos faz mergulhar no amor. Não podemos permanecer como um observador desvinculado que olha através de uma lente. Na verdade, ela provavelmente não compartilha de nenhuma metáfora óptica. Em vez disso, ela está continuamente tramando, confundindo e encantando a consciência com ligações passionais muito além do ponto distanciado de uma perspectiva.

O livro jamais poderia ter sido realizado se não fosse por Gerald James Donat, que checkou cada referência para evitar prováveis imprecisões – e há umas quinhentas referências a Jung no que se segue. Donat levantou sérias questões que tiveram que ser trabalhadas, e este texto foi aperfeiçoado graças à sua atenção com os detalhes e à força de seu raciocínio obstinado. Peter Bishop copiou as citações de Jung e diagramou-as *en face*, dando ao livro sua forma básica. Bishop foi cuidadoso e preciso em seu trabalho e realizou-o lindamente. Depois, Joseph Cambray revisou o que estava feito, amarrando cuidadosamente os fios soltos e encaixando minhas inserções irracionais de última hora.

Finalmente, Mary Helen Gray Sullivan apareceu, editando, checando novamente as referências, ajustando citações que não combinavam, introduzindo alterações e adendos, desenhando o livro página por página, descobrindo novas dúvidas – mais uma vez fazendo-me consciente de minhas falhas. Embora o livro traga um único autor, existem

na verdade quatro outros – Sullivan, Donat, Bishop e Cambray. (As falhas, no entanto, são todas minhas.) E, é claro, um quinto, cujas palavras e cuja alma tornou esta tarefa válida para nós todos – C. G. Jung.

Aproveito a ocasião para agradecer também Tree Swenson por tão bons conselhos com relação à forma do livro e a Princeton University Press e a Routledge & Kegan Paul por permitir as citações dos escritos de C. G. Jung.

J. H.
1985



NOTA EDITORIAL

Nas páginas que se seguem, um ensaio de James Hillman aparece nas páginas ímpares, enquanto relevantes citações de trabalhos de Carl Gustav Jung aparecem nas páginas pares. Letras impressas ligeiramente acima (sobrescritas) por todo o ensaio de Hillman conduzem o leitor ao material apropriado das citações de Jung nas páginas à esquerda, que podem ser uma ou muitas. As letras alfabéticas começam novamente com “a” a cada dupla de páginas.

A introdução de Hillman lista, na página 25, as duas abreviações dos trabalhos de Jung utilizadas para que se possa identificar a fonte das citações. Leitores não familiarizados com seu “Collected Works” devem saber que as referências relacionadas a essa obra são feitas por número de volume e parágrafo.

Excluindo a caixa-alta das letras iniciais, todas as interferências editoriais da *Spring Publications* no material de Jung são indicadas por colchetes em negrito. Colchetes comuns estão ou reproduzidos do material original ou incluem material de Jung que foi transposto de um lugar para outro numa dada citação. Um “n.” na referência de fonte de uma citação mostra que a *Spring* incluiu uma nota de rodapé relevante dos “Collected Works”.

M. H. G. S.
1985



Considere, por exemplo, *Animus e Anima*. Nenhum filósofo de posse de seus plenos sentidos inventaria ideias tão irracionais e desajeitadas.

C. G. Jung
Carta a Calvin S. Hall

Os princípios básicos, os *archai*, do inconsciente são indescritíveis devido à sua riqueza de referência. O intelecto discriminador naturalmente tenta estabelecer sua singularidade de significado e assim deixa escapar o ponto essencial; pois aquilo que podemos acima de tudo estabelecer como o aspecto mais coerente com sua natureza é seu significado multifacetado, sua riqueza de referências quase sem limites, o que torna impossível qualquer formulação unilateral.

C. G. Jung, CW 9, i, §80



PARTE I

“... se um homem não sabe o que uma coisa *é*, ele amplia seu conhecimento se pelo menos souber o que uma coisa *não é*.”

C. G. Jung
última frase de *Aion*



INTRODUÇÃO

Esta digressão pretende complementar as principais obras existentes sobre anima.¹ Já que esta literatura oferece uma considerável fenomenologia sobre a *experiência* da anima, vou examinar mais de perto a preterida fenomenologia da *noção* de anima. Experiência e noção influenciam-se mutuamente. Não apenas derivamos nossas noções de nossas experiências de acordo com a fantasia do empirismo, como também nossas noções condicionam a natureza de nossas experiências. Parece-me existir um sentimentalismo que inunda “anima”, o qual desconfio estar embutido na própria noção, assim colorindo nossas experiências e a avaliação dessas experiências com tons róseos e pálidos. Dessa forma, examinar nossas experiências não corrige esse sentimentalismo, uma vez que elas já foram pré-julgadas pelas lentes rosadas que nos foram dadas, acredito, pela noção. Seria melhor que olhássemos para a noção, se é que é lá que o sentimentalismo está. É claro, “anima” demarca uma região difícil da psique, que raramente se presta a qualquer tipo de investigação. Mas a dificuldade que temos com anima nasce mais dos conceitos indiferenciados que temos dela do que de sua própria natureza indiferenciada. Jung explicou frequentemente o valor terapêutico dos conceitos como maneiras de tomar, abarcar e compreender, de modo que pensamento e sentimento conceituais precisos, especialmente no que se refere a um vago e sutil *fascinosum* como a anima, servem à consciência psicológica.

- (a) De acordo com estes gnósticos, ... a figura feminina da Sabedoria, [era] Sofia-Achamoth... Sofia, em parte por um ato de reflexão e em parte levada pela própria necessidade, entrou em relação com a escuridão exterior. Os sofrimentos que a acometeram tomaram a forma de várias emoções – tristeza, medo, espanto, confusão, saudade; às vezes ria, às vezes chorava...

O estado emocional de Sofia mergulhou na inconsciência..., seu amorfismo, e a possibilidade de ela se perder na escuridão caracterizam de forma muito clara a anima de um homem que se identifica totalmente com sua razão e sua espiritualidade.

CW 13, §452ss.

- (b) Se o encontro com a sombra é “obra de aprendiz” (*apprentice-piece*) no desenvolvimento de um indivíduo, então o trabalho com a anima é a “obra-prima” (*master-piece*).

CW 9, i, §61 (cf. carta a Traugott Egloff, 9 de fevereiro de 1959)

- (c) Tenho notado que as pessoas não têm muita dificuldade em fazer uma ideia daquilo que chamamos de sombra... Mas lhes causa um enorme problema entender o que quer dizer anima. Eles a aceitam com suficiente facilidade quando ela aparece em romances ou como uma estrela de cinema, mas nada entendem dela quando é preciso observar o papel que ela desempenha em suas próprias vidas, porque ela soma tudo aquilo que um homem nunca pode vencer e com o que nunca para de lutar. Dessa forma, ela permanece num estado perpétuo de emocionalidade que não deve ser tocado. O grau de inconsciência que encontramos em relação a isto é, para não dizer coisa pior, estonteante.

CW 9, i, §485

Pode-se argumentar que a incerteza é própria da alma e que clarificação conceitual significa usar o intelecto onde ele não cabe. Quanto mais vagos forem nossos conceitos, melhor refletem a alma. A meu ver, essa discussão tão conhecida indica que fomos envolvidos pela alma feito tolos e atraídos por ela para dentro da floresta. Da mesma forma que não devemos deixá-la dominar o terreno das relações pessoais onde, como Eva, ela nos tornaria demasiadamente carnis e literais, assim também não podemos deixá-la dominar o terreno das ideias onde, como Sofia, ela nos tornaria confusos e amorfos.^a Podemos também ser vítimas da projeção da alma com ideias sentimentais que turvam e embaralham nossa mente, assim como com pessoas. Hoje em dia, o *sacrificium intellectus* na psicologia analítica desvia-se muitas vezes de seu significado original – dedicar o intelecto aos Deuses – para abandonar sua carga em troca de ternura e maciez. Nem Freud nem Jung tiveram de cortar a cabeça para servir à psique. Se Sofia é uma das faces da alma, então sutileza na utilização da mente certamente não é nenhuma ofensa a ela, podendo até ser um de seus pedidos ao psicólogo e um exercício que a delicia.

Precisão no que se refere à alma parece particularmente relevante por duas razões: primeiro, porque nossa sociedade, e a psicologia como parte dela, está em alta tensão no que concerne a sentimento, feminilidade, eros, alma, fantasia – áreas que a psicologia analítica envolveu com alma; e segundo, porque Jung disse que, para o indivíduo, a *Auseinandersetzung** “com a alma é a ‘obra-prima’” do trabalho psicológico.^b Novamente, a clarificação daquilo que a noção carrega pode trazer algum *insight* para as confusões sociais e individuais, inclusive a minha, enquanto escrevo, e a sua, enquanto lê.^c

“Anima” recebe várias definições em Jung. Estas podem ser vistas como níveis de diferenciação que podemos separar antes de tentar entender suas inter-relações. Por níveis, não quero sugerir uma hierarquia de estágios ou uma graduação de valor, mas apenas facetas sobrepostas umas às outras. Essas diversas definições não necessitam ser tratadas historicamente, pois não estamos envolvidos num estudo do desenvolvimento do

* Discussão, luta. (N.T.)

- (a) ... referência valiosa a *Tristram Shandy* [1759-67]. [“as duas almas em qualquer homem vivo, – uma... chamada o ANIMUS, a outra, a ANIMA” (Londres, 1911, p. 133)]. Para começar, eu não tinha de jeito nenhum o sentimento de que era culpado de plágio com minha teoria [anima/animus], mas nos últimos cinco anos... descobri... traços dela em velhos alquimistas... Só posso pensar que Laurence Sterne baseou-se nos ensinamentos secretos (presumivelmente da Rosa-Cruz) de seu tempo. Eles contêm O Segredo Real do Rei e da Rainha, que não eram ninguém mais nem menos que animus e anima, ou Deus e Dea.

Carta a Georgette Boner, 8 de dezembro de 1938

- (b) Nenhum homem é tão inteiramente masculino que não tenha nada de feminino em si... A repressão de traços femininos... faz com que essas demandas contrassexuais se acumulem no inconsciente.

CW 7, §297 (cf. §§296-301)

... o feminino pertence ao homem como sua própria feminilidade inconsciente, a qual chamei de anima.

CW 5, §678

É normal um homem resistir à sua anima, porque ela representa... todas aquelas tendências e conteúdos até então excluídos da vida consciente.

CW 11, §129

conceito de anima nas ideias de Jung.^a Ao contrário, tratarei as noções fenomenologicamente, usando os *Collected Works* (CW), e eventualmente *Memórias, Sonhos e Reflexões* (MSR) e as *Letters* (referidas pela data e destinatário),² como um corpo único, sem atenção especial à ordem cronológica das noções de anima ou de seus contextos.

1. ANIMA E CONTRASSEXUALIDADE

Jung e a literatura da psicologia analítica empregam “anima” principalmente referindo-se ao aspecto contrassexual, menos consciente da psique do homem.^b “A anima pode ser definida como a imagem, o arquétipo ou o depósito de todas as experiências do homem com a mulher” (CW 13, §58). Essa definição básica, que situa a anima apenas na psique do homem, é reforçada por uma especulação biológica: “A anima é, presumivelmente, uma representação psíquica da minoria de



- (a) Poderíamos comparar a masculinidade e a feminilidade e suas componentes psíquicas, por exemplo, com determinada provisão de substâncias.

CW 8, §782

Até certo ponto, cada sexo habita no sexo oposto pois, do ponto de vista biológico, é justamente a maioria de genes masculinos que pesa na balança em favor da masculinidade. Um menor número de genes femininos parece formar um caráter feminino, que normalmente permanece inconsciente devido à sua posição subordinada.

CW 9, i, §58

... conforme o caso, o sexo é determinado pela maioria de genes masculinos ou femininos. Mas a minoria de genes pertencentes ao sexo oposto não desaparece simplesmente. Portanto, o homem possui em si um lado feminino, uma figura feminina inconsciente – fato do qual ele geralmente não está ciente. É sabido que denominei essa figura de “anima”...

CW 9, i, §512

A anima, sendo psicologicamente a contraparte feminina da consciência masculina, baseada na minoria de genes femininos no corpo masculino...

Carta ao Cônego H. C., Inglaterra, 8 de janeiro 1948

... todo homem “contém Eva, sua esposa, escondida no seu corpo”. É esse elemento feminino em cada homem (com base na minoria de genes femininos em sua constituição biológica) que chamei de *anima*.

CW 18, §429

- (b) O fato de o *rotundum* estar contido na anima e por ela ser prefigurado dá-lhe um extraordinário fascínio... Portanto, num certo nível, a mulher aparece como a verdadeira portadora da tão desejada totalidade e redenção.

CW 14, §500

Quando esse instinto da totalidade se manifesta, ele aparece primeiro disfarçado no simbolismo do incesto, pois o feminino mais próximo de um homem é sua mãe, sua mulher ou sua filha, quando ele não o procura dentro de si.

CW 16, §471

genes femininos no corpo do homem” (CW 11, §48).^a Anima assim torna-se a condutora e até mesmo a imagem da “totalidade”,^b pois completa o hermafrodita tanto psicologicamente quanto como representante da contrassexualidade biológica do homem.

Se a anima representa a lacuna feminina no homem, uma terapia centrada na ideia da individuação direcionada para a totalidade vai focalizar-se principalmente no seu desenvolvimento. O desenvolvimento da anima assim tornou-se o maior princípio terapêutico nas ideias de muitos psicólogos analíticos, e o “desenvolvimento do feminino” a principal plataforma da psicologia analítica. Mas assim como “anima” permanece uma ideia densamente misturada a outras noções – eros, sentimento, relações humanas, introversão, fantasia, vida concreta, e outras que estaremos revelando no decorrer do livro – o desenvolvimento da anima, como a própria anima, continua a significar muitas coisas para muitos homens. Disfarçado de “desenvolvimento de anima”, acontece um rico tráfico de hipóteses contrabandeadas, devoções a eros, indulgências escatológicas sobre salvar a própria alma por meio dos relacionamentos, tornando-se mais feminino, e o sacrifício do intelecto.

